

COMPÊNDIO

WORLD CITIES CULTURE FORUM

BOP
Consulting

MAYOR OF LONDON

70
1949 - 2019

SE7E
AR2S
TAMED

COMPÊNDIO PREFÁCIO DA PRESIDÊNCIA

Introdução aos relatórios traduzidos (Relatório Mundial de Cultura das Cidades, Projetos Culturais Transformacionais e Manual de Cultura e Mudança Climática 2017) para a Organização dos Estados Ibero-americanos.

World Cities Culture Forum é líder global em Cultura.

Acreditamos que a cultura é um ingrediente essencial nas cidades. A cultura está alimentando a regeneração, criando empregos para o futuro e moldando a identidade das nossas cidades. A cultura tem o poder de construir pontes, muitas vezes onde elas não existem. Reúne comunidades, constrói orgulho cívico e melhora a saúde e a qualidade de vida.

De fato, no século XXI, nenhuma cidade global pode ter sucesso sem cultura.

A Cultura é uma grande história de sucesso nas políticas urbanas na atualidade, mas isso não acontece por acaso, acontece através de uma grande liderança, por isso o trabalho do World Cities Culture Forum é tão importante. Nossa rede exclusiva de 38 cidades do mundo reúne autoridades de destaque altamente influentes em cidades do mundo todo. Cada um deles está comprometido em aproveitar o poder da cultura para melhorar as políticas urbanas, para contar a história de suas cidades, para promover a prosperidade econômica e para se envolver com os cidadãos.

O mundo de hoje enfrenta grandes mudanças políticas, econômicas e tecnológicas. As cidades estão na linha de frente dessa mudança, estão crescendo rapidamente, exercendo pressão na infraestrutura e seu impacto em nossa qualidade de vida e, nesse cenário, a cultura tem um papel central a desempenhar.

O World Cities Culture Forum é uma rede fundada na confiança, na abertura e numa visão compartilhada da cultura como um direito humano universal para todos os nossos cidadãos. Nosso trabalho é baseado em uma base empírica sólida, porque a mudança raramente acontece sem um argumento contundente. Compartilhamos nossas ideias e experiências e temos muito a aprender com as regiões que mais crescem no mundo.

Conforme expandimos nossa rede, estamos muito animados para poder fortalecer nossos laços com as cidades ibero-americanas. As nossas cidades afiliadas podem aprender com a experiência das cidades ibero-americanas e, ao mesmo tempo, compartilhar as histórias das cidades ibero-americanas com os responsáveis pela elaboração de políticas, líderes de opinião e cidades com ideias similares no mundo inteiro. Vivemos num mundo de crescente conectividade, permitindo um maior diálogo cultural, e queremos apoiar e fortalecer o conhecimento compartilhado entre as cidades do mundo.

Este compêndio foi concebido para proporcionar uma introdução ao trabalho do World Cities Culture Forum. Inclui as principais conclusões do nosso Relatório Mundial de Cultura das Cidades, e resumos de duas das nossas séries de políticas: Projetos Culturais Transformacionais e Cultura e Mudança Climática. No futuro, vamos expandir esta pesquisa para incluir mais cidades na região ibero-americana.

Queremos trabalhar com as cidades ibero-americanas para estabelecer uma nova e ambiciosa agenda para a cultura em toda a região.

Justine Simons OBE (Ordem do Império Britânico)
Presidente, World Cities Culture Forum
Subprefeito para Indústrias Culturais e Criativas,
Escritório do Prefeito de Londres.

RELATÓRIO

WORLD

CITIES

CULTURE

2018



PREFÁCIO DA PRESIDÊNCIA

A mudança é a única constante no mundo de hoje. E as cidades estão na linha de frente.

A revolução tecnológica, a nova cena geopolítica, a mudança das bases de poder econômico, as migrações em massa e as questões ambientais estão transformando o mundo como o conhecemos. Conforme essas placas tectônicas se movimentam, a pressão se manifesta mais intensamente nas cidades.

As cidades estão crescendo rapidamente, assim pressionando a infraestrutura e a qualidade de vida. Embora as cidades tenham se tornado mais inteligentes e mais conectadas, muitos cidadãos ainda são deixados para trás. Muitas vezes a brecha entre ricos e pobres aumenta assim como o custo de vida. Os impactos ambientais sentem-se intensamente nas cidades, com a poluição atmosférica a níveis perigosos. Muitas cidades também enfrentam a ameaça do terrorismo. Então, o que devem fazer as cidades para responder a esta mudança e também para antecipá-la?

A resposta deve começar pela liderança. Hoje, os líderes das cidades enfrentam desafios sem precedentes, muitas pessoas estão perdendo a fé nas instituições que as representam, mas os governos municipais e prefeitos também estão se tornando importantes forças de mudança. Os líderes municipais precisam de confiança para sonhar grande, experimentar e estabelecer uma visão ousada e inclusiva para o futuro. Apesar dos inúmeros desafios, as cidades são lugares incríveis.

Elas despertam novas ideias, geram empreendedores e fortalecem as economias nacionais; traçam histórias, celebram culturas e reúnem pessoas do mundo todo. As matérias-primas não podiam ser melhores. As pessoas continuam invadindo as cidades por tudo o que elas têm para oferecer: para trabalhar, se divertir e viver uma vida plena.

Então, onde se encaixa a cultura neste cenário? No meio deste ambiente em rápida evolução, a cultura emergiu como uma força poderosa. Fiel à sua natureza, a criatividade chegou a lugares inesperados e a cultura está oferecendo soluções em todos os aspectos da política da cidade com profundidade e sofisticação. A cultura não se encontra mais em águas tépidas, com pequenos equipes e

orçamentos. Embora em termos relativos, os recursos para a cultura ainda possam ser pequenos, a sua influência é grande.

A cultura está impulsionando a regeneração, criando os empregos do futuro e desviando os jovens da criminalidade. A cultura nos torna mais saudáveis, facilita o engajamento cívico e dá aos turistas um motivo para nos visitar. Continua modelando o patrimônio e a identidade de nossas cidades. Em suma, a cultura aborda todos os grandes desafios que a cidade enfrenta hoje: deixou definitivamente de ser um nicho para se tornar um protagonista.

Este reposicionamento estratégico da cultura na paisagem urbana não foi acidental. Isso aconteceu graças à dedicação, crença e liderança de artistas, organizações e, é claro, líderes da cidade. E tenho orgulho de saber que o World Cities Culture Forum se tornou uma força global líder para a mudança transformadora nas cidades através da cultura. Todos nós acreditamos que a cultura não pertence apenas aos que podem por ela pagar - cultura não é um privilégio, mas um direito, um direito humano básico.

Tenho, portanto, o prazer de apresentar o Terceiro Relatório Mundial da Cultura das Cidades 2018, a mais abrangente análise da cultura nas cidades da atualidade. 35 cidades colaboraram para traçar uma imagem dos problemas, juntamente com visões interessantes das soluções que estão sendo testadas. Isso mostra que a cultura está fluindo através de nossas cidades, em todos os cantos, de espaços tradicionais a espaços incomuns, de parques públicos a telhados e arcos ferroviários. Também revela que nossa compreensão da cultura está se expandindo: o que, como, por que e onde as pessoas aproveitam a cultura não é fixo, mas líquido.

Então, estou otimista. Embora ainda existam desafios sérios em todas as nossas cidades, nunca houve um momento melhor para liberar o potencial da cultura para transformá-las.

Justine Simons OBE
Presidente do World Cities Culture Forum
Subprefeito de Indústrias Culturais e Criativas
Escritório do Prefeito de Londres

WORLD CITIES CULTURE FORUM

O World Cities Culture Forum é um líder mundial no campo da cultura. Pode ser resumido em cinco palavras.

Liderança, Evidência, Inspiração e Colaboração Global.

LIDERANÇA

Nossos membros são alguns dos oficiais culturais mais informados e influentes do mundo. Eles sabem que a liderança é necessária para tornar as cidades mais vibrantes, inclusivas e habitáveis. O Fórum permite que os membros compartilhem suas experiências e desenvolvam o conhecimento necessário para exercer essa liderança.

Desde que as nove cidades fundadoras se reuniram em Londres em 2012, o Fórum cresceu rapidamente. Atualmente tem 38 membros das principais cidades do mundo.

COLABORAÇÃO GLOBAL

Somos uma rede colaborativa de grandes cidades que buscam avançar na defesa da cultura em todas as áreas da política urbana.

Uma vez por ano, reunimo-nos para a Conferência Mundial da Cultura das Cidades. Este encontro, organizado de forma rotativa pelas cidades membros, permite que os líderes das cidades compartilhem ideias e conhecimentos sobre o papel da cultura na construção de cidades sustentáveis. Isto é sustentado por um programa contínuo de simpósios temáticos, conferências regionais e seminários sobre políticas.

Os membros aprendem uns com os outros, examinando desafios e dilemas comuns e comparando abordagens de investimento e desenvolvimento cultural. Compartilhamos nossos sucessos, aprendemos com nossos erros e juntos construímos os argumentos que precisamos para reposicionar a cultura nas cidades globais.

Em 2017, lançamos nosso Programa Piloto de Intercâmbio de Liderança, apoiado pela Bloomberg Philanthropies e Google Arts & Culture. Este programa foi concebido para permitir intercâmbios diretos entre cidades, ser um catalisador para mudanças positivas e ajudar as cidades a desenvolver soluções dinâmicas para desafios compartilhados.

EVIDÊNCIA

A evidência é essencial se quisermos alcançar o nosso objetivo. Mas a cultura é difícil de medir de uma forma que faça justiça à amplitude e sofisticação do seu impacto. Estamos construindo uma base de evidências sobre as muitas e variadas maneiras pelas quais a cultura afeta uma cidade do mundo e seus habitantes.

O emblemático Relatório Mundial da Cultura das Cidades está no centro do nosso programa de investigação. É o relatório mais abrangente do seu gênero, demonstrando que, em todo o mundo, a cultura é tão importante para a cidade do mundo quanto as finanças e o comércio. Mostra que a cultura desempenha um papel fundamental na formação da identidade, economia e qualidade de vida das cidades do mundo.

Nossa Série de Políticas e Práticas é o último capítulo do nosso programa; uma série de pesquisas aprofundadas focadas em desafios compartilhados e mostrando respostas eficazes e estudos de caso de nossas cidades membro. Foram publicados manuais de políticas sobre a criação de um espaço para a cultura e sobre as alterações climáticas e culturais, que incluem uma série de estudos de caso que identificam os ingredientes que determinam o funcionamento das políticas ou programas, ajudando os formuladores de políticas a compreender melhor as opções de que dispõem para abordar estas questões.

INSPIRAÇÃO

Em todo o mundo, a cultura tem um impacto extraordinário e de grande alcance nas cidades e nas suas populações. Os resultados são amplos e profundos. Desde espaços de trabalho para artistas em Toronto, o plano de infraestrutura cultural de Sydney, turismo em Amsterdã e a renovação urbana através da arte de rua em Bogotá, até a expansão do acesso à cultura para todos em Londres e o engajamento cívico em Seul.

Queremos que todos os envolvidos na liderança da cidade - governo, negócios, desenvolvimento, educação, saúde - compreendam a contribuição essencial que a cultura traz à prosperidade e à qualidade de vida. Queremos o mais amplo reconhecimento de que, num mundo globalizado, nenhuma cidade pode ficar sem ela.



MANCHETES DO RELATÓRIO

No Relatório Mundial de Cultura das Cidades 2015, conversamos com formadores de opinião de cada uma das nossas cidades membro, analisando os diferentes desafios e oportunidades que suas cidades enfrentam e como a cultura poderia lidar com eles. O relatório destacou a cultura como um ingrediente-chave para o sucesso das cidades do mundo, integrado em todos os aspectos do planejamento e da política urbana.

Para o Relatório Mundial de Cultura das Cidades de 2018, fomos diretamente aos formuladores de políticas municipais e perguntamos quais eram seus programas e políticas mais inovadores, bem como as principais tendências e projetos de infraestrutura que estavam ocorrendo em suas cidades.

O resultado é o mais importante compêndio de políticas culturais em vigor nas cidades.

Diante de uma ordem mundial em constante mudança, ela revela um propósito comum em todas as cidades do mundo. Os resultados mostram um alinhamento notável entre os nossos diversos membros, o que confere um papel novo e crítico à cultura na abordagem da inclusão de todos os cidadãos e uma nova definição de como, onde e por quem a cultura é vivida.

Resumindo:

- Estamos perante uma ordem mundial em constante mudança, com políticas nacionais muitas vezes contraditórias que criam um ambiente mais hostil para os imigrantes, refugiados e minorias.
- As cidades do mundo têm o poder e a capacidade de responder a estas mudanças. Estão trabalhando juntas através de redes para compartilhar ideias e conhecimentos, e para obter resultados que não estão acontecendo em nível nacional.
- As cidades do mundo têm o poder e a capacidade de responder a estas mudanças. Estão trabalhando juntas através de redes para compartilhar ideias e conhecimentos, e para obter resultados que não estão acontecendo em nível nacional.
- Embora a política cultural dos últimos 20 anos tenha servido muitas vezes para aliviar as pressões sociais, por vezes também contribuiu inadvertidamente para elas, mas isso está mudando.





CULTURA E A
CIDADE HUMANA

AS CIDADES DO MUNDO NA ORDEM MUNDIAL EM CONSTANTE MUDANÇA

O mundo de hoje é diferente. Na época do nosso último Relatório Mundial de Cultura das Cidades, em 2015, era difícil imaginar que nos próximos três anos a migração, a demografia, a mudança climática e o capitalismo global pudessem se aliar à mídia social - e uma hostilidade generalizada às elites políticas estabelecidas - para criar uma tempestade perfeita. Mas isso aconteceu, e agora estamos testemunhando o fim de décadas de velhas normas sociais e políticas e uma profunda mudança na ordem mundial existente.

Em vários Estados nacionais da América do Norte, Europa e Ásia, as políticas para imigrantes, refugiados e minorias criaram um ambiente mais hostil para esses grupos, reduzindo o número de imigrantes e restringindo os direitos políticos e as liberdades civis. Juntamente com o desafio global da crescente desigualdade de renda, a política interna tornou-se mais polarizada. Embora isso tenha galvanizado as respostas das bases, o resultado em muitos países é que vivemos em sociedades mais divididas hoje do que em 2015, tanto entre nações quanto dentro das cidades.

As cidades de todo o mundo estão muitas vezes desconfortáveis com esta ordem global em constante mudança. Por inclinação e necessidade, estão mais abertas à livre circulação de pessoas, ideias e bens do que os países de acolhimento.¹ Isto aplica-se tanto à migração interna como ao comércio, intercâmbio e circulação internacionais. Enquanto os Estados nacionais estabelecem os marcos mais amplos, as cidades do mundo têm poder e capacidade para agir, e estão usando essas duas forças para alcançar efeitos positivos.

A CAPACIDADE DAS CIDADES DO MUNDO

O poder demográfico e econômico das cidades é inevitável,² e muitos têm argumentado que o poder político em um mundo globalizado reside agora nas cidades e, em particular, nas maiores cidades do mundo.

Atingimos um ponto crítico na compreensão de que as cidades podem ser a fonte de soluções, não a causa, aos desafios que o mundo enfrenta hoje.

Da 'Nova Agenda Urbana das Nações Unidas' estabelecida em 2016

Como, então, cumprem as cidades do mundo o papel que lhes foi atribuído pelas Nações Unidas e como respondem aos desafios urgentes do nosso mundo? Uma maneira é trabalhar em conjunto de forma colaborativa para assumir uma posição de liderança.

Redes de cidades como o World Cities Culture Forum - onde as cidades se reúnem para compartilhar

conhecimentos e abordar problemas comuns - cresceram significativamente na última década.³ O C40 e o Pacto Global de Prefeitos sobre Clima e Energia demonstram como as cidades continuam avançando na agenda ambiental, mesmo quando o Acordo de Paris sobre Mudança Climática é debatido a nível nacional. O movimento 'Cidades Santuário', tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, viu cidades assumirem compromissos ousados para acolher e proteger migrantes e refugiados indocumentados, bem como para criar apoio para combater as políticas anti-imigração.

Mas e a cultura? Muitas das novas ameaças e desafios que enfrentamos têm uma dimensão cultural explícita. As 'guerras culturais' e as políticas de identidade tornaram-se parte do auge dos movimentos políticos populistas, bem como da resistência a eles. Como as cidades usam a cultura para fornecer soluções aos desafios urbanos contemporâneos?

A política cultural das cidades nos últimos 20 anos tem frequentemente tentado aliviar as pressões sociais nas cidades do mundo.

A cultura continua desempenhando um papel crucial na renovação urbana e no desenvolvimento econômico, e o papel das comunidades criativas na revitalização de áreas foi estabelecido, mas também houve consequências não intencionais. Às vezes, o sucesso dessa revitalização levou à perda de espaços residenciais e comerciais populares, expulsando artistas e espaços culturais de base. O investimento em instituições culturais emblemáticas e no marketing e promoção das cidades levou também, por vezes, à saturação dos centros urbanos, especialmente nas cidades menores e de maior densidade do mundo.⁴ No entanto, a paisagem da política cultural urbana está mudando e agora, em 2018, parece muito diferente.

PROMOVENDO UMA NOVA AGENDA CÍVICA E CULTURAL NAS CIDADES DO MUNDO

Em muitos países, as forças políticas ameaçam introverter os Estados nacionais a fim de protegê-los da globalização.

Pelo contrário, as Cidades do Mundo são a casa dos cidadãos do mundo [...] os locais de trabalho, as inspirações, os portos seguros e as casas de cidadãos abertos e com visão de futuro. [...] Uma Cidade do Mundo verdadeiramente bem-sucedida precisa que todos os seus cidadãos se envolvam com a cultura e a criatividade, para revitalizar as instituições cívicas e unir comunidades.

Do World Cities Culture Forum 'Declaração de Seul' 2017 Na Conferência Mundial de Cultura das Cidades de 2017, a "Declaração de Seul" foi assinada por todas as 27 cidades presentes.⁵ Na Conferência Mundial





de Cultura das Cidades de 2017, a “Declaração de Seul” foi assinada por todas as 27 cidades presentes.⁵ Ela estabeleceu um compromisso explícito, baseado na abertura e na inclusão. Apelou às nossas cidades para que abordassem as questões divisionistas de xenofobia e preconceito. Coletivamente, assumimos a responsabilidade de envolver ativamente todos os cidadãos, ou seja, qualquer pessoa que tenha feito da cidade a sua casa.

A Declaração endossou uma visão ousada; uma promessa de uma direção futura para a política cultural nas cidades do mundo, mas que em muitos contextos urbanos parecia mais ambiciosa do que real. No entanto, um estudo das cidades membro do World Cities Culture Forum realizado para este Relatório 2018 mostra que essa visão está se tornando realidade.

O relatório examinou mais de 200 programas culturais que as cidades membro que responderam consideraram ser os mais inovadores e importantes. Nosso principal achado é um propósito compartilhado entre as cidades para tornar a cultura mais igualitária e centrada no cidadão. Visto isoladamente em uma ou duas cidades, as semelhanças de propósito teriam sido difíceis de reconhecer. Mas a visão global única do World Cities Culture Forum nos permite ver padrões e tendências comuns.

Este propósito compartilhado sugere uma nova urgência nas nossas cidades membro do World Cities Culture Forum e uma mudança de prioridades. Na busca de uma cultura mais centrada no cidadão, há duas tendências principais que decorrem do relatório. A primeira, a inclusão, é definida através de todas as identidades e medidas de equidade. A segunda é a “abertura” da cultura, a expansão de onde, como e que cultura se produz e consome, e quem o faz.

CULTURA PARA TODOS OS CIDADÃOS

A definição das Nações Unidas de uma sociedade socialmente inclusiva é aquela em que todos os cidadãos têm a capacidade de reivindicar todos os seus direitos.⁶ O artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos declara explicitamente a dimensão cultural destes direitos: Todos têm o direito de participar livremente na vida cultural da comunidade. No entanto, existe uma combinação de barreiras físicas, financeiras e psicológicas, e as instituições culturais muitas vezes só servem involuntariamente um pequeno segmento da sociedade.

A primeira tendência refere-se diretamente ao artigo 27. Consideramos que a equidade cultural, a representação, a igualdade racial, a diversidade cultural e a inclusão social se tornaram prioridades para as nossas cidades. Por sua vez, a política cultural reequilibrou-se em direção aos cidadãos e afastou-se da criação de “ímãs de cidades globais” para atrair capital, turistas e trabalhadores móveis.

Este foco renovado nos cidadãos aplica-se a todos, quer

sejam recém-chegados de outras partes do país ou de outras nações; residentes ou comunidades de longa data; ou aqueles que vivem com problemas de saúde ou baixos recursos. O objetivo é garantir uma verdadeira participação de todos na vida cultural da cidade e validar os diferentes patrimônios culturais que compõem as comunidades de nossas cidades do mundo.

Vemos evidências disso em vários projetos e iniciativas. Desde o reconhecimento de Montreal e Melbourne da dívida devida às suas Primeiras Nações e sua celebração das histórias ocultas dos povos indígenas, até a estratégia cultural de Dublin, “Culture Connects”, projetada para capacitar as comunidades a moldar a agenda cultural da cidade e a “Cultural District Initiative” de São Francisco, que fornece legislação que protege e honra a herança cultural de comunidades históricas, tais como o Bairro Cultural Latino e o Bairro Cultural Transgênero de Compton.

O projeto ‘Tactsenze’ de Estocolmo para músicos com deficiência visual e o ‘Dementia Friendly Communities Project’ de Edimburgo têm como alvo populações frequentemente esquecidas ou com dificuldades em participar. A iniciativa ‘PAssion CARES’ de Singapura dá aos cidadãos a oportunidade de doar para os problemas urgentes que identificam.

Outras cidades estão abordando a questão da equidade, reduzindo as barreiras de entrada: os cartões Kulturpass de Viena oferecem acesso gratuito às principais instituições culturais a grupos que vivem em condições socioeconômicas precárias; salas de cinema pop-up para refugiados em Paris e Bruxelas; iniciativas de leitura de grande alcance para grupos socialmente vulneráveis e grupos com baixos níveis de alfabetização em Milão e Shenzhen; ou a elaboração, em Amsterdã, de um plano de ação de apoio à integração na sociedade de todos os idosos, que se centrou na oferta de serviços culturais à população idosa da cidade.

Em Tóquio, o programa de arte ‘TURN’ foi concebido para influenciar a forma como a sociedade lida com as diferenças das pessoas. Enquanto Nova York está abordando a questão examinando a diversidade de sua força de trabalho cultural e trabalhando para garantir que ela reflita melhor a população da cidade.

Essas diferentes respostas destacam que, em todas as nossas cidades membros, a equidade e a diversidade têm contextos muito diferentes, mas seja através da lente da raça, etnia, idade, fatores socioeconômicos ou saúde, as cidades estão usando uma ampla gama de políticas para alcançar o mesmo objetivo geral.

UMA ‘ABERTURA’ DA CULTURA

Para que as cidades avancem para políticas culturais mais abertas, inclusivas e dirigidas pelos cidadãos, é necessária uma mudança: uma “abertura” da cultura. Esta segunda

tendência está intrinsecamente ligada à primeira, para abranger a inclusão deve haver também uma ampliação da definição de cultura e de como e onde ela é consumida. Devem reconhecer e apoiar novos tipos de práticas culturais em novos lugares e espaços, novos formatos e tecnologias e novos produtores, públicos e tomadores de decisão. Uma infraestrutura cultural renovada está tomando forma em nossas cidades membro: uma infraestrutura mais adequada para o século XXI.

Isso inclui mudanças nas políticas e programas de financiamento para adotar novas formas de arte e cultura de base, incorporando uma gama mais ampla de cidadãos. Em Zurique, a avaliação de um ano "Projekt Tanz -und Theaterlandschaft" procura reduzir a brecha entre instituições bem conhecidas e projetos independentes. A 'Community Arts Campaign' de Seul é uma grande mudança de política, deixando de apenas apoiar o consumo cultural para permitir a participação cultural ativa e encorajar as pessoas a criar as suas próprias formas de cultura dentro das suas próprias comunidades. A fim de representar um grupo muito mais amplo de residentes, o novo Museu da Cidade de Helsinque agora aborda histórias de grupos minoritários que antes eram marginalizados em suas exposições, por exemplo, em torno da cultura queer e do clubbing.

Os projetos de mapeamento liderados pela comunidade, tais como as 'Promise Zone Arts' de Los Angeles, ou o 'Cultural Mapping' da Cidade do Cabo e o 'Cultural Asset Mapping Project' de Austin, reconhecem que os cidadãos muitas vezes têm uma experiência cultural diferente da forma como um governo municipal a entende. Estes projetos capacitam os cidadãos para promoverem aquilo que consideram ser a sua cultura. Da mesma forma, o Borough of Culture de Londres e In Bloom and Blossom de Varsóvia celebram a cultura popular ou comunitária e incentivam a sua co-criação.

Os 'Cultural Hotspots' de Toronto trazem a arte contemporânea para áreas da cidade com reconhecimento cultural limitado, enquanto o 'OperaCamion' de Roma e o 'Museum of Art on Wheels' de Hong Kong também afastam a cultura das instituições formais e a levam pela cidade em sua missão de alcançar novos públicos. Esses programas estão mudando as fronteiras físicas das instituições e a forma como as pessoas aproveitam a cultura.

O urbanismo "pop-up" e os espaços recondicionados introduzem a cultura na paisagem urbana e na vida cotidiana de todos. Os "Library Points" de Moscovo colocam bibliotecas em parques e centros comerciais e o "Leer es Volar" de Bogotá coloca minibibliotecas em estações como parte da extensa rede de transportes da cidade. Em Oslo, foram eliminadas 700 vagas de estacionamento de carros particulares em toda a cidade para criar novos espaços públicos para atividades culturais e comunitárias. 'The Old Building Cultural Movement' in Taipei recupera e converte edifícios públicos degradados

em bens culturais, financiados e geridos pelo sector privado.

Uma cultura informal também está sendo criada e celebrada. A Galeria de Arte Urbana de Lisboa promove a arte de rua como forma de expressão. A tecnologia está abrindo novas vias de colaboração, produção e experimentação, como pode ser visto na sede da 'CheLA' em Buenos Aires, que abriga o trabalho multidisciplinar de artistas digitais modernos em um espaço flexível, redefinindo os tipos de espaços em que a cultura pode ocorrer.

A revitalização da infraestrutura cultural de uma cidade desenvolve-se de forma diferente em diferentes contextos. Nas cidades do mundo desenvolvido, trata-se principalmente de proteger e salvaguardar os espaços e práticas culturais subterrâneos e informais das pressões imobiliárias. Essas cidades também estão trabalhando para ajudar a abrir instituições culturais maiores e bem financiadas para alcançar uma gama mais ampla de pessoas, e para concentrar novas infraestruturas e programas nas áreas periféricas das cidades.

Sydney tem estado na vanguarda deste desenvolvimento como a primeira cidade do mundo a desenvolver um "Plano de Infraestrutura Cultural" em resposta à crise de acessibilidade da cidade e seus efeitos sobre a comunidade criativa.

Nas cidades novas e emergentes do mundo, a resposta tem sido diferente. A política consiste em formalizar a cultura subterrânea e informal existente. Um apoio financeiro mais constante incentiva uma maior participação e um público mais amplo, bem como o desenvolvimento de lugares e empresas culturais "tradicionais". Em Lagos, o Fundo Fiduciário de Emprego do Estado de Lagos está financiando projetos cinematográficos e ajudando a formalizar a indústria de Nollywood da cidade. Em Chengdu, a prefeitura está apoiando novos sistemas financeiros para incentivar o investimento em empreendimentos culturais que ajudem a fortalecer o setor.

CULTURA QUE CONECTA OS CIDADÃOS ÀS SUAS CIDADES E ENTRE ELES

Conforme a ordem mundial em constante mudança deixa as pessoas mais desconectadas, as cidades do mundo oferecem uma alternativa, promovendo seus valores comuns de abertura e inclusão. A cultura é uma parte essencial da forma como as cidades do mundo tornam estes valores tangíveis e significativos. A enquete de 2018 dos membros do World Cities Culture Forum mostra que as cidades têm consciência disso e que não é mais possível cultivar esses valores sem focar na vida cultural de seus cidadãos. Devemos lembrar que para que as cidades do mundo sejam bem-sucedidas não basta ter a cultura como fio condutor da política urbana. As instituições culturais e as formas de expressão também devem ser abertas. Abertas a todas as pessoas e a novos lugares, a diferentes ideias e novas formas, para que os cidadãos possam reivindicar um lugar para si na Cidade, junto com os seus vizinhos. Isto promove a colaboração e a coexistência, em vez do ressentimento, da desconfiança e da polarização.

A resiliência das cidades do mundo reside na sua capacidade de vislumbrar um futuro diferente, enraizada na interdependência que reflete e apoia todas as pessoas que representam.

Uma cultura aberta constrói essa capacidade.

Richard Naylor
Diretor de Pesquisa
World Cities Culture Forum & BOP Consulting

1 Hall, P. (1998) *Cities in Civilization*, London: Pantheon.

2 A maioria da população mundial já vive em áreas urbanas e, em 2011, apenas 600 cidades geravam 60% do PIB mundial. (McKinsey Global Institute (2011) *Urban World: Mapping the Economic Power of Cities*).

3 O City Leadership Lab do University College London vem pesquisando as redes de cidades desde 2013. Das 170 redes de cidades que identificaram, mais de um quarto foram estabelecidas nos últimos dez anos, incluindo a WCCF. (Acuto, M. and Rayner, S. (2016) 'City networks: breaking gridlocks or forging (new) lock-ins?', *International Affairs*, 92:5; pp. 1147-66).

4 Hunter, E. (2018) 'Residents in tourist hotspots have had enough. So what's the answer?' *The Guardian, Cities*, 17 de julho.

5 Uma versão completa da Declaração de Seul 2017 pode ser encontrada na página 304 deste Relatório.

6 Divisão de Política Social e Desenvolvimento das Nações Unidas (2005) 'O diálogo no processo de integração social: construção de relações sociais pacíficas - por, para e com as pessoas: Relatório final da reunião do grupo de peritos', 21 -23 de novembro de 2005.

Serie Políticas e Práticas

WORLD
CITIES
CULTURE
FORUM

CULTURA E MUDANÇA CLIMÁTICA



Manual para Líderes
das Cidades

Julie's Bicycle

Prefácio

O World Cities Culture Forum (WCCF) acredita que a cultura é um ingrediente essencial nas cidades do século XXI e que nenhuma cidade do mundo pode ter sucesso sem ela. Nossas cidades afiliadas compartilham o compromisso de integrar a cultura em todos os aspectos da política urbana como um fio condutor que contribui para a reputação da cidade, sustentabilidade ambiental, prosperidade econômica e qualidade de vida.

Nosso influente Relatório WCCF é o compêndio mais abrangente de dados disponíveis sobre o assunto, uma referência comparativa essencial para os formuladores de políticas urbanas. A nossa conferência anual é uma oportunidade para líderes de cidades compartilharem experiências e boas práticas. Esta Série de Políticas e Práticas é a mais recente vertente do nosso programa; uma série de pesquisas aprofundadas focadas em desafios compartilhados e mostrando respostas eficazes e estudos de caso de nossas cidades afiliadas.

Este relatório foca em sustentabilidade através de uma perspectiva ambiental. Examina o que as cidades estão fazendo no momento e o que ainda podem fazer em resposta ao desafio global determinante da atualidade- a mudança climática -, incorporando a cultura e a criatividade em políticas, programas e soluções.

Ele foi desenvolvido em conjunto com dois parceiros que estão na vanguarda das políticas e das práticas nesta área. A Julie's Bicycle é a principal organização atuando na comunidade cultural, desenvolvendo pesquisas, dados, recursos e estratégias para acelerar a ação cultural em relação às mudanças climáticas e à sustentabilidade ambiental. A C40 Cities Climate Leadership Group trabalha com mais de 80 cidades para que colaborem com eficácia, compartilhem conhecimento e conduzam ações significativas, mensuráveis e sustentáveis em relação às mudanças climáticas.

O Acordo de Paris de 2015 resultou num acordo ambicioso para tomar medidas concretas a nível mundial para manter as temperaturas abaixo dos 2 graus de aquecimento. Isto, juntamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, é uma oportunidade histórica para mitigar os efeitos das mudanças climáticas e construir economias e infraestruturas globais sustentáveis. Como nunca antes, são as cidades que estão no centro destes esforços, uma vez que têm como mobilizar a redução de emissões em até 40%. Nosso levantamento da atividade atual nas Cidades do Mundo revela que a cultura vem contribuindo de várias maneiras para esses esforços. Mas pode-se fazer muito mais. Em especial, cabe aos governos municipais e aos líderes das cidades fornecer o discurso e o incentivo para estruturas políticas que reúnam um grande número de respostas em toda a comunidade cultural e criativa para promover mudanças positivas e ampliar e celebrar o impacto dessas respostas.

É claro que apenas mitigação não basta; a mudança climática é um problema sistêmico que requer soluções sistêmicas, muitas das quais já estão transformando nosso mundo. Mas a maior mudança necessária é a de como engajar o público, para que os riscos da inação ambiental sejam compreendidos e os benefícios da ação sejam ativamente desejados. Prefeitos não conseguem fazer milagres. Afinal, sem os corações e as mentes dos cidadãos há limites para o que pode ser alcançado. A cultura, como mostra este relatório, é uma forma poderosa de envolver os cidadãos neste desafio extraordinário e inspirador.

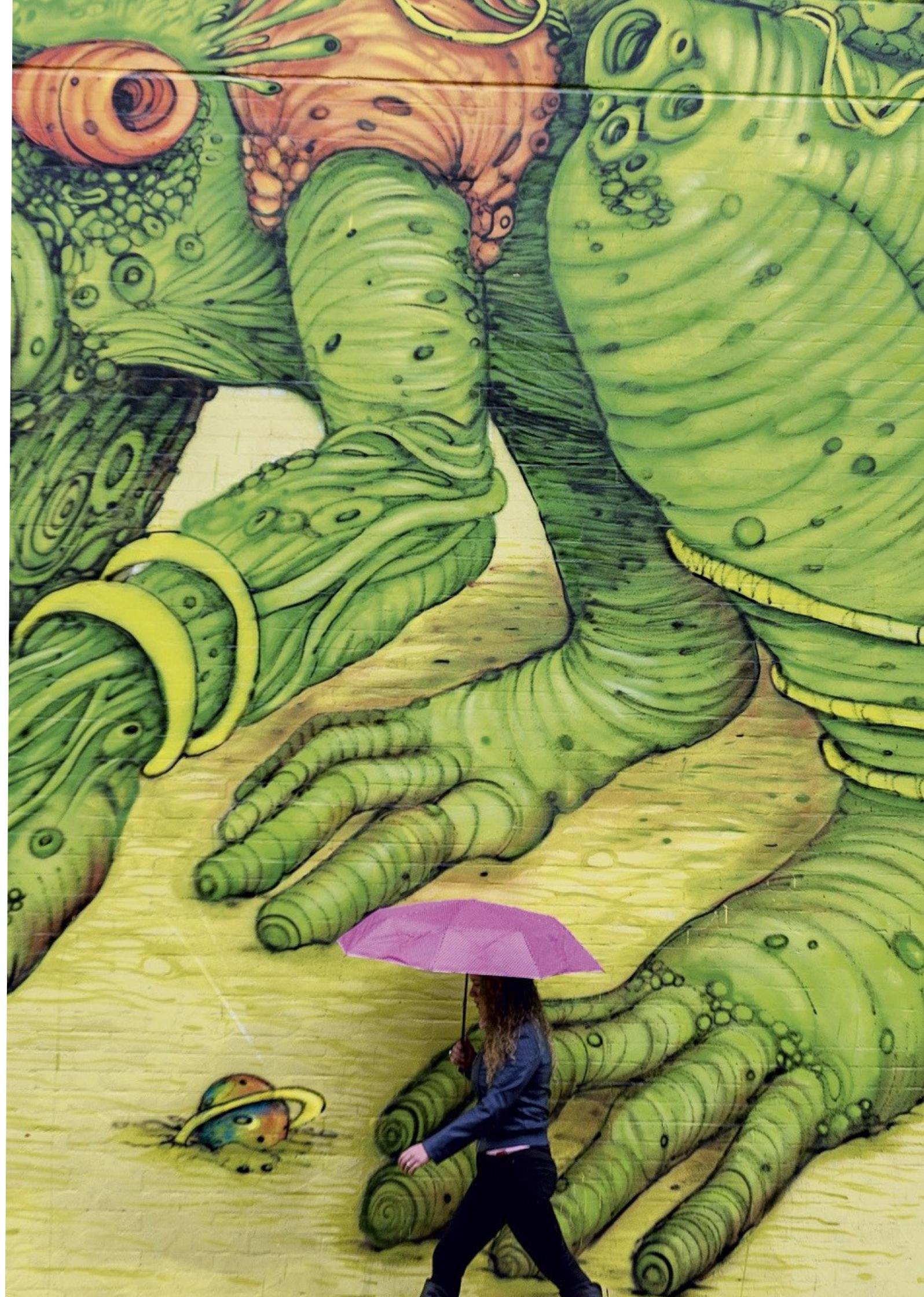
Este relatório analisa a situação atual das Cidades do Mundo e oferece recomendações práticas sobre como os líderes das cidades podem colocar a cultura no centro dos seus planos. Esperamos que inspire novas políticas e novas colaborações entre todas as nossas cidades membro, e mais além. É o ponto de partida para uma iniciativa mais ampla, a ser realizada em colaboração com Julie's Bicycle, C40 Cities e nossas cidades afiliadas, que irá promover o papel da cultura, mostrar os efeitos das práticas e desenvolver conjuntamente uma série de kits de ferramentas práticas.

Justine Simons OBE (Ordem do Império Britânico)
Presidente, World Cities Culture Forum
Subprefeito de Indústrias Culturais e Criativas, Escritório do Prefeito de Londres

Paul Owens
Diretor, World Cities Culture Forum

Alison Tickell
Fundadora e CEO, Julie's Bicycle

Mark Watts
CEO, C40 Cities Climate Leadership Group



Introdução

As cidades estão numa posição singular para enfrentar a mudança climática

As cidades estão na linha de frente da mudança climática. Elas geram mais de 80% do PIB mundial e mais de 70% das emissões mundiais de gases do efeito estufa.¹ As zonas urbanas acolhem atualmente mais de metade da população mundial, prevendo-se que esta percentagem aumente para dois terços até 2050.² O rápido crescimento demográfico nas cidades, associado aos efeitos adversos dos fenómenos meteorológicos extremos e o aumento do nível do mar (com a maioria dos grandes centros urbanos localizados em costas erodidas), colocam uma pressão crescente nos sistemas de infraestruturas urbanas, na segurança energética e no abastecimento de água. A densidade urbana também exacerba problemas como a poluição do ar e o “efeito Ilha de Calor” (onde as cidades são significativamente mais quentes do que áreas ao redor), com impactos substanciais na saúde e no bem-estar dos moradores.

Os responsáveis pela elaboração das políticas municipais têm como desempenhar um papel fundamental na configuração do nosso futuro global. Um relatório recente do C40 Cities Climate Leadership Group (C40) indica que se todas as cidades com mais de 100.000 habitantes adotassem planos de ação de 1,5°C, elas seriam responsáveis por 40% das reduções de carbono necessárias para limitar o aumento da temperatura global dentro os parâmetros do Acordo de Paris.³

No entanto, isso só será possível através da adoção de uma abordagem ambiciosa, desenvolvendo uma política urbana integrada, centrada na criação de cidades mais sustentáveis, habitáveis, inteligentemente planejadas e mais verdes, reunindo cidadãos, empresas, organizações, formuladores de políticas e investidores em torno de uma visão coletiva.

É necessário escalar rapidamente as ações contra a mudança climática. O nível de ambição nos próximos 3 anos determinará se as cidades cumprirão seu papel de limitar o aumento da temperatura global. Sem uma ação imediata e comprometida por parte das cidades, este objetivo não será alcançado e uma oportunidade histórica de moldar o nosso futuro para as gerações seguintes será perdida.

A mudança climática é um desafio cultural

Os membros do World Cities Culture Forum (WCCF) entendem que a criatividade e as artes geram capital financeiro e social: são vitais para a economia, assim como para a saúde e o bem-estar, a inclusão social, a renovação e, talvez o mais importante, formam a identidade de uma cidade.

Reconhecemos que a cultura também é essencial para criar cidades sustentáveis que sejam resilientes, preparadas para o futuro e que sejam lugares muito melhores para se viver. A mudança climática é uma questão sistêmica, enraizada em sistemas econômicos, sociais e culturais mundiais. A causa principal da mudança climática são as emissões de gases de efeito estufa geradas por sistemas de valores que acabam promovendo o consumo insustentável, a desigualdade e a desconexão com a natureza.

¹ Um olhar sobre o desenvolvimento urbano. Banco Mundial. (2017) <http://www.worldbank.org/en/topic/urbandevelopment/overview>

² 2014 Revisão das Perspectivas de Urbanização Mundial. Organização das Nações Unidas. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais <http://www.un.org/en/development/desa/news/population/world-urbanization-prospects-2014.html>

³ Prazo 2020. C40 Cities and Arup Consulting (2016). <http://www.c40.org/other/deadline-2020>



4/

New Urban Agenda Habitat III. <https://habitat3.org/the-new-urban-agenda>

Fruition by Matthew Hardin, Melbourne.
Photo © Matthew Stanton

A mudança climática é um desafio cultural.

Adequar a política cultural para o futuro

A mudança climática é um desafio para as cidades do mundo. Portanto, é essencial criar estruturas que associem explicitamente a ação climática à política cultural. Há também uma oportunidade de adotar políticas culturais que reflitam a urgência e a escala real de intervenção necessária para enfrentar as mudanças climáticas.

1. Como uma questão sistêmica enraizada nos sistemas globais, a mudança climática requer uma mudança fundamental em nossas estruturas de governança. As futuras estratégias de planejamento e desenvolvimento urbano devem ser baseadas nos princípios do desenvolvimento sustentável, conforme descrito na “Nova Agenda Urbana” adotada na Conferência Habitat III da ONU.⁴ As artes e a cultura, como catalisadores da criatividade e canais de participação pública, estão no lugar perfeito para impulsionar a trajetória de desenvolvimento urbano e bem-estar do cidadão, mas apenas se se tornarem parte essencial do discurso.
2. C40 estima que, entre 2016 e 2050, será necessário um investimento de mais de US\$ 1 bilhão de dólares para que as cidades cumpram os objetivos do Acordo de Paris. Este investimento pode vir da administração municipal, dos serviços públicos, do setor privado e dos contribuintes. O Acordo de Paris visa desbloquear 100 bilhões de dólares por ano para a ação climática, e a União Europeia acordou em que pelo menos 20% do seu orçamento de 2014-2020 deve ser destinado para este fim. Engajamento com questões relacionadas à mudança climática de uma forma prática e mensurável poderia desbloquear novas correntes significativas de co-financiamento para as artes e a cultura e garantir que o setor seja parte da economia emergente do futuro.
3. O financiamento público e o apoio à cultura baseiam-se nos seus benefícios sociais. Demonstrar que a cultura está abordando a mudança climática, uma das ameaças mais imediatas às cidades do mundo, pode ajudar a garantir o futuro apoio público à cultura.
4. As políticas devem promover uma infraestrutura artística resiliente e preparada para o futuro nas cidades, pronta para reagir aos riscos climáticos, incluindo as consequências de eventos climáticos extremos, a volatilidade dos preços das matérias-primas (incluindo a energia) e os consequentes efeitos sobre as economias das cidades, os riscos de danos à reputação e à economia resultantes da falta de ação e a pressão do cumprimento dos objetivos e regulamentações nacionais e internacionais. Se novas políticas exigirem reduções nas emissões de gases de efeito estufa, as organizações culturais estão prontas para responder? A elaboração de políticas culturais deve abordar estas questões para garantir que o setor permaneça dinâmico, pertinente e sustentável.

Como as cidades podem apoiar uma ação cultural contra a mudança climática?

Atualmente, muitas cidades estão se empenhando para incorporar sustentabilidade ambiental em suas políticas. No entanto, poucas começaram a integrar a cultura de uma forma que apoie e gere ação criativa a favor do meio ambiente.

Esta é uma oportunidade perdida: em todo o mundo há um movimento cultural infinitamente rico e crescente que atua no âmbito da mudança climática, e que reflete a diversidade cultural local e os contextos ambientais. Este movimento está usando a realidade de mudanças em nosso clima em para revigorar, inspirar e desafiar tudo, desde o planejamento criativo até o investimento em infraestrutura e até mesmo o papel dos espaços e organizações culturais na sociedade civil.

O relatório completo contém uma seleção de estudos de caso que ilustram como as cidades afiliadas do WCCF e outras cidades ao redor do mundo estão gerando ação positiva, atuando em parceria com organizações culturais e cidadãos. Estas histórias fornecem inspiração e lições práticas sobre como uma boa política cultural pode criar um plano de ação que possa gerar benefícios ambientais, sociais, culturais e econômicos.

Os estudos de caso se enquadram em três abordagens sobrepostas e de apoio mútuo:

1. 'Esverdeando' o setor cultural: fornecendo ferramentas, recursos e apoio prático (incluindo mecanismos financeiros e investimentos em infraestrutura) para reduzir as emissões de carbono e outros impactos ambientais do setor criativo. Esse tipo de abordagem pode mudar rapidamente as prioridades dentro do setor, com resultados transformadores em todas as organizações, incluindo programação criativa e engajamento cívico, e fornecendo resultados econômicos e ambientais claramente mensuráveis.
2. Engajamento e conscientização públicos: apoiando o papel da cultura e da criatividade na formulação de políticas e governança participativa, garantindo que a política climática da cidade seja apropriada para esse fim e trabalhando com a cultura para aumentar a compreensão e a conscientização das questões envolvidas.
3. Participação cultural na renovação ambiental e no desenvolvimento de infraestruturas urbanas em resposta aos desafios ambientais. Isso inclui projetos que enfatizam o papel das artes e da cultura como laboratórios para testar e desenvolver novas abordagens de infraestrutura, e políticas que reconhecem o conjunto singular de habilidades que os profissionais criativos têm na elaboração de novas soluções.

Muitas destas iniciativas são locais, isoladas e em pequena escala. Esta pequena escala não é um problema em si. Como Martin Boucher e Philip Loring apontam:

*para soluções baseadas em localização, a questão da escalabilidade é um pouco diferente do que é para soluções tecnológicas: As estratégias baseadas na localização raramente se destinam a crescer de forma uniforme ou industrial. Pelo contrário, crescem num sentido mais cultural, para criar um quadro heterogêneo de soluções que são semelhantes em filosofia, mas muitas vezes muito diferentes em termos de implementação.*⁵

Boas políticas criam as condições e o plano de ação. Através destas políticas e iniciativas, as cidades podem legitimar, estruturar e apoiar ações culturais contra mudança climática, ajudando a multiplicar iniciativas, ampliar resultados e (quando necessário) criar as parcerias e os recursos necessários para ampliar projetos proporcionais à dimensão do desafio.

O sucesso das cidades, nos próximos anos, em catalisar a ação por meio de suas políticas determinará se elas conseguirão ou não embarcar rumo à redução de emissões necessárias para limitar o aumento da temperatura global em 1,5 graus.



14° Bienal de Istanbul,
Anna Boghiguian, The Salt
Traders, 2015. Foto ©Sahir
Ugur Eren, Cortesia de



6/

Um marco das Nações Unidas que visa “acabar com todas as formas de pobreza, reduzir as desigualdades e enfrentar as mudanças climáticas”.
<http://www.un.org/sustainabledevelopment/>

Calder - Piknic Électronik
Montréal. Foto © Michel Legault, Cortesia de Ville de Montréal

Pondo a teoria em prática

Como as cidades podem integrar a sustentabilidade ambiental na elaboração de políticas culturais? Seguem aqui sete recomendações fundamentais.

1. Construir um diálogo interdepartamental entre os departamentos de cultura e meio ambiente da cidade para desenhar e implementar conjuntamente políticas que harmonizem cultura e sustentabilidade ambiental. No âmbito deste diálogo, explorar formas de adaptar as estruturas de políticas municipais existentes, tais como zoneamento, licenciamento, áreas de regeneração urbana, centros de inovação verde e apoio às empresas para a redução do carbono, para incentivar e apoiar a ação climática no setor.
2. Integrar a sustentabilidade ambiental nas declarações de políticas culturais, criar planos de ação e desenvolver métodos para medir o impacto, que possam ser utilizados para avaliar e aplaudir as conquistas.
3. Construir um conjunto de dados completos que constitua um argumento a favor da ação climática no setor cultural.
4. Desenvolver oportunidades de financiamento para que organizações culturais e artísticas desenvolvam negócios e práticas artísticas ambientalmente sustentáveis e constituam os fundos para incentivar organizações culturais a participar de atividades relacionadas ao clima e ao meio ambiente.
5. Trabalhar com a comunidade cultural para encontrar iniciativas existentes que possam ser apoiadas e expandidas, e criar conjuntamente políticas que sejam de interesse para o setor.
6. Criar oportunidades de intercâmbio de conhecimentos e competências entre cidades para compartilhar boas práticas e desenvolver a aprendizagem.
7. Promover ativamente a cultura como essencial para alcançar os objetivos do Acordo de Paris e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.6



Programa de Cultura e Mudança Climática do WCCF

Em 2017-18, o WCCF:

- Publicou um conjunto de ferramentas para ajudar as cidades a conduzir ações culturais relacionadas à mudança climática e à sustentabilidade ambiental
- Realizou um seminário sobre políticas específicas na conferência anual
- Desenvolveu um novo conjunto de dados que defende o valor comercial de ações climáticas no setor cultural

Este programa de investigação foi desenvolvido em colaboração com:

- Julie's Bicycle: Uma instituição de caridade líder mundial que reduz a brecha entre a sustentabilidade ambiental e as indústrias criativas <http://www.juliesbicycle.com/>
- C40: Uma rede de megacidades do mundo comprometidas com a luta contra as mudanças climáticas <http://www.c40.org/>

RELATÓRIO
DE PROJETOS
CULTURAIS
TRANSFOR-
MADORES



Ref

1947

Ticket Ticket



official sponsor

OFFICIAL BEER OF THE FIFA WORLD CUP GERMANY

pharmacy



beauty



BUK

Introdução

Cidades do Mundo - a questão da habitabilidade

As cidades do mundo nunca exerceram tanta influência econômica e cultural. São ímãs para o talento, o comércio e o investimento. As suas populações continuam a crescer.

Então, por que as cidades do mundo têm um desempenho tão fraco no ranking de “habitabilidade” e qualidade de vida?

Por exemplo, não há cidades do mundo “alfa” no ranking do The Economist das dez cidades mais “habitáveis”. Os rankings são dominados, em contraste, por cidades médias com baixa densidade populacional nos países mais ricos. Há uma explicação simples para a baixa classificação das cidades do mundo: porque esses índices e classificações são dominados por indicadores de educação, crime, infraestrutura e meio ambiente.

Naturalmente, todos estes são fatores determinantes da qualidade de vida das pessoas. Mas há também uma explicação pragmática para a inclusão de indicadores nessas áreas da política urbana: eles são acessíveis, relativamente padronizados e fáceis de coletar. Este não é o caso da cultura e, portanto, raramente aparece em tais índices.

Trabalhando para uma resposta

É por isso que o World Cities Culture Forum publica o seu Relatório Mundial Anual sobre a Cultura nas Cidades. O relatório é um primeiro passo para preencher esta lacuna cultural; ilustra a diversidade, o crescimento e o dinamismo da cultura nas cidades do mundo. Ajuda a responder por que, se as cidades do mundo são tão ‘inabitáveis’, elas continuam sendo um ímã para pessoas e organizações, e um tema de tantos filmes, romances, peças de teatro e outras expressões culturais.

É a sua vitalidade cultural, bem como as indubitáveis oportunidades econômicas que oferecem.

Mas os desafios materiais das cidades do mundo - congestionamento, desenvolvimento especulativo e habitação inadequada, infraestrutura limitada, segregação espacial,

populações em rápido e diverso crescimento, desigualdade de renda, etc. - também levantam perguntas difíceis sobre cultura nas cidades do mundo. Isso inclui:

- Como podem todos os cidadãos participar nas oportunidades culturais, independentemente do local onde vivem ou de quanto ganham?
- Como é que as pessoas podem compartilhar e expressar a sua própria cultura enquanto aprendem com os outros?
- Como podem os indivíduos e as comunidades ver que a sua própria cultura é valorizada e reconhecida pelas instituições públicas formais?

Nem todos esses desafios são exclusivos das cidades do mundo. Mas são diferentes em escala e complexidade nas cidades do mundo. E esses desafios também não são questões periféricas; eles chegam ao núcleo do que é ser humano.

Cidades Prósperas

Pois a cultura não é apenas um conjunto de formas materiais e estéticas. Trata-se também de formas de vida coletiva e de identidade, podendo cultivar ou restringir o desenvolvimento das capacidades das pessoas (a sua capacidade de “alcançar resultados valiosos e com razões para valorizá-los”¹) e sua capacidade de prosperar (crescer, ser resilientes e experimentar a realização, o propósito, o significado e a felicidade²).

Embora todos estes pareçam resultados altamente desejáveis, isto representa um desafio para os governos. Embora o Estado forneça as necessidades e desejos materiais, raramente tem a intenção - ou as ferramentas - de abordar esses fatores psicológicos. No entanto, o Estado está interessado nos subprodutos ou “externalidades” provenientes de pessoas capazes e prósperas, pois assim gozam de melhor saúde mental, têm mais probabilidade de permanecer na escola, mais probabilidade de encontrar um emprego (e um bom emprego), menos probabilidade de cometer crimes e de viver mais tempo e de forma mais independente.

Assim como a cultura é fundamental para a prosperidade, a criação de condições nas quais as pessoas experimentam a cultura como um motor gerador e sustentador representa ao mesmo tempo um direito humano e uma lógica socioeconômica. É por estas duas razões que a cultura está se integrando às estratégias e políticas de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas. As Nações Unidas agora consideram a cultura como um componente importante de uma abordagem de desenvolvimento inclusiva e centrada nas pessoas.

No entanto, quando aplicada a nível de governo nacional, a política cultural é mais humilde em termos de escopo e ambição. Estabelece-se habitualmente, no âmbito mais restrito do apoio e promoção de certos tipos de formas estéticas, representada por um "Conselho Cultural", onde o desenvolvimento e a promoção da forma se torna frequentemente o objetivo primordial de uma política.

Cultura e uma agenda urbana mais ampla

As políticas culturais nos governos municipais são diferentes. Como escreveu Benjamin Barber, os governos municipais estão mais próximos das pessoas que representam. Por isso, eles entendem a cultura em seu sentido mais amplo, como um poderoso recurso socioeconômico que pode ajudar a transformar a vida de seus cidadãos. Em nenhum outro lugar isto é mais importante do que nas cidades, onde as pressões que podem levar a cultura a tornar-se o reduto das elites - reproduzindo assim as desigualdades e as estruturas de poder existentes - são maiores.

O relatório completo ilustra 20 exemplos de "projetos culturais transformadores" das cidades afiliadas ao World Cities Culture Forum. Estes estudos de caso ilustram como os formuladores de políticas, em colaboração com seus aliados, iniciaram e guiaram projetos culturais com objetivos específicos:

- Democratizar a cultura, tornando-a mais inclusiva e acessível, tanto geograficamente como em termos do que é oferecido
- Reconhecer e validar culturas informais e grupos marginalizados e suas expressões culturais
- Promover a renovação e a melhoria da qualidade do ambiente urbano e do espaço público
- Reforçar a resiliência nas comunidades através do desenvolvimento de competências e da promoção de melhores relações
- Iniciar o debate sobre o desafio das questões urbanas e construir laços entre as comunidades
- Promover a confiança e o orgulho dos cidadãos nos seus bairros e cidades.

1. Sen, A. (2001). Desenvolvimento como Liberdade. Oxford Nova Iorque: Oxford University Press, p. 291.

2. 'Prospero' tem tanto uma linhagem filosófica, da ética aristotélica, como interpretações psicológicas mais modernas. Tem sido associada ao "bem-estar psicológico" - que está próximo das ideias de Sen sobre capacidades, uma vez que a ênfase é colocada não apenas no bem-estar "subjetivo", mas na forma como as pessoas são capazes de agir com agência e autocontrole, e de experimentar crescimento e relações sociais positivas - bem como de ser um conceito de "psicologia positiva" por direito próprio. Onde prosperar significa "viver dentro de uma gama ideal de funcionamento humano, que conota bondade, generatividade, crescimento e resiliência" (Fredrickson, B. L., & Losada, M. F. (2005). 'Afeto positivo e dinâmica complexa da prosperidade humana'. Psicólogo Americano, 60:678-686).

